

RESENHA BIBLIOGRÁFICA

FRIEDRICH (J.) e RÖLLIG (W.), *Phönizisch-punische Grammatik*, 2. völlig neu bearbeitete Auflage (Analecta Orientalia 46), Pontificium Institutum Biblicum, Roma 1970, XXIII + 188 pgs, 2 tábuas, L. it. 11.400; \$19.00.

Quer parecer-nos que vem em boa hora a segunda edição, inteiramente re-fundida, da gramática fenício-púnica, publicada, em 1951, pela mesma editôra (Analecta Orientalia 32), por J. Friedrich, o primeiro dos dois editôres presentes. Com efeito, mais dia, menos dia, nova onda de especulações haverá de passar por nosso país, seja para ressuscitar mais uma vez a famosa "inscrição" da Paraíba do Norte, seja para discutir outra que se pretenderá ter descoberto. Neste caso já teremos novamente à disposição uma gramática que, pelo esforço conjugado de dois especialistas de renome, não poderá deixar de ser, no momento, a última palavra na matéria.

Nesta nova edição nada mais pretendem os autores do que a finalidade que havia tido em mira a primeira, ou seja, estudar exatamente a evolução das línguas fenícia e púnica em suas múltiplas ramificações de caráter local e cronológico, uma vez que a gramática meramente descritiva deve manter seu lugar lado a lado, e até antes mesmo de qualquer estudo geral de lingüística comparada (p. VII). A interpretação e classificação histórica das formas é mantida em primeiro lugar, enquanto se distinguem sempre os diversos graus de evolução lingüística, o paleo-fenício, o fenício, o púnico e o púnico vulgar, a fim de fornecer um quadro bem claro da evolução da língua à vista de documentos que se distribuem por mais de mil anos, ou seja, para o fenício, de c. de 1000 a.C. até ao século I d.C. (p. 1), e para o púnico do século IX a.C. até vários séculos depois (p. 2). Este fato é importante tanto para o estudo da morfologia, quanto para o da fonética, onde o aproveitamento das transliterações gregas e latinas, como também das vocalizações do púnico vulgar pode fornecer elementos para o estabelecimento do vocalismo das palavras, coisa que inteiramente falta no fenício e no púnico, e que, no entanto, é importante para determinar a posição singular do fenício-púnico dentro do ramo cananeu das línguas semíticas (p. VII).

Quanto à participação dos autores, foi a seguinte: J. Friedrich apresentou um texto revisto, corrigido e aumentado da edição anterior, e este foi revisto, acrescentado e corrigido por W. Röllig, tendo sido eliminados os pontos de divergência entre ambos ou por meio de correspondência, ou, então, oralmente, cabendo, no entanto, a responsabilidade última do livro inteiramente ao segundo dos autores (p. VIII). Devido à grande aceitação da edição anterior, manteve-se a numeração dos parágrafos dela, sendo os parágrafos novos intercalados com o acréscimo de um 'a'. Conservaram-se no texto os números dos parágrafos eliminados, com a anotação expressa de que já não existem (p. VII).

(*). — Solicitamos dos Srs. Autores e Editôres a remessa de suas publicações para a competente crítica bibliográfica (*Nota da Redação*).

Depois da uma lista de abreviaturas (p. IX-XIV) e de um índice analítico minucioso (p. XV-XXIII), segue-se a introdução (p. 1-4), em que se fala, em primeiro lugar, da posição do fenício-púnico dentro do esquema tradicional das línguas semíticas. Juntamente com o hebraico e o moabítico, constitui êle o ramo cananeu, distinto do aramaico, formando ambos o ramo noroeste das línguas semíticas, também distinto do ramo ocidental -o acádico-, e do meridional -o árabe e o etiope-, embora se diga que esta classificação já não corresponde plenamente ao estado atual de nossos conhecimentos lingüísticos (p. 1).

Segue-se a classificação dos diversos ramos do fenício-púnico estudados nesta gramática e sua distribuição geográfica, bem como a indicação do material que os representa, sendo que êste hoje se reduz exclusivamente a inscrições, pois as literaturas de ambos os ramos se perderam. Aproveitaram-se as frases púnicas do *Poenulus* de Plauto, as glosas que se encontram nos escritores gregos e romanos (p. 2s), bem como as transcrições dos nomes fenícios e púnicos que se encontram nas inscrições gregas e latinas, e nos escritores, fontes sempre úteis para se postular algo sôbre a vocalização de ambos os ramos (p. 3s).

A gramática prôpriamente dita segue naturalmente o esquema tradicional das gramáticas semíticas. Trata-se na 1a. parte da escrita e fonética, incluindo o problema complicado da vocalização, na 2a. da morfologia, na 3a. da sintaxe (verbo, pronome, nome, proposição). Tôdas as formas dos verbos, dos pronomes, etc., encontram-se amplamente documentadas, na medida do possível, sendo as palavras ou frases prôpriamente fenícias ou púnicas reproduzidas, como de costume, em caracteres hebraicos, as gregas e latinas nos caracteres próprios. Quando não há exemplos para documentar determinadas formas, anota-se o fato expressamente. Êste sistema permite ao leitor acrescentar êle mesmo ultteriores comprovantes e ajuntar novas formas, à medida que as encontrar nas novas inscrições que continuamente se publicam nas revistas do ramo. De resto, sempre se procuram comparar as formas fenícias e púnicas com as das outras línguas semíticas.

Não é preciso dizer que escrever uma gramática que se baseia apenas em inscrições mais ou menos longas, é como compor um mosaico de pedrinhas isoladas, e isso representa, sem dúvida, um trabalho de mutia paciência e experiência.

Termina o volume com quatro índices, três de palavras semíticas, gregas e latinas, e um quarto remissivo, e duas tábuas, que mostram a evolução da escrita fenícia e púnica de c. de 1000 a.C. até o século I/II d.C.

Trata-se de um instrumento indispensável para o estudo das línguas semíticas em geral e do fenício-púnico em particular, e está de parabens a editôra por lançar mais esta contribuição importante para o estudo do Mundo Antigo.

D. JOÃO MEHLMANN O. S. B.

* * .

*